

Sertanista investiga existência de índios isolados no Parque Nacional da Serra do Moa

Data: 08/11/2000
Fonte: Página 20
Local: Acre
Link: <http://www.pagina20.com.br>

Habitantes naturais

Rachel Moreira

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	<u>pagina 20.com.br (AC)</u>
Data	<u>8/11/2000</u> Pg <u> </u>
Class.	<u>30</u>

Após a descoberta da existência de possíveis descendentes dos Nauas - etnia indígena que povoou a região do Juruá há cem anos - na área do Parque Nacional da Serra do Divisor, mais uma notícia bombástica deve interferir na distribuição e administração da área preservada por lei. Informações de moradores do local dão conta da existência de um grupo de índios arredios no alto do igarapé Tapada, localizado quilômetros acima do Novo Recreio.

Segundo o sertanista José Meireles, um dos maiores especialistas em índios isolados do país, cerca de 15 moradores do local alegam ter visto índios nus e armados na localidade citada. Outros dizem ter encontrado rastros dos supostos nativos.

A existência ou não dessa nova tribo de índios isolados será verificada pelo sertanista tão logo inicie o verão, em maio do ano que vem. A demora para o início dos trabalhos de campo se dá pelo fato de que no inverno a caminhada e a sobrevivência na floresta se tornam ainda mais difíceis.

Número de índios arredios está crescendo no Acre

A nova tribo isolada e arredia do Parque Nacional da Serra do Divisor não é a única novidade na área indígena do Estado. Sobrevôos realizados pela equipe da Fundação Nacional do Índio (Funai) verificaram a existência de novas tribos na área do Rio Envira, no município do Jordão, próximo ao local onde aconteceram recentes conflitos entre índios arredios e brancos.

Segundo Meireles, que desde 1988 desenvolve este tipo de trabalho no Acre, aqui há três grupos de índios isolados. Eles estão localizados num raio de 10 quilômetros, nas proximidades do rio Envira, e são da etnia Masko, Nauas e Xiname, sendo que sobre os últimos não existem dados culturais e possíveis quantidade de integrantes.

"Não há como saber quantos índios formam este grupo. Diferentemente dos outros, eles provavelmente são nômades e, portanto, não temos contato visual para basear as estimativas", revela o sertanista.

Meireles explica que a dificuldade para se determinar a quantidade aproximada de índios arredios é muito grande. Como não existe intenção de manter contato com os eles, esses dados surgem com base nas evidências visuais.

"Os índios não vendem o que plantam em feiras, por exemplo. Então, calculamos o número de integrantes dos grupos pelo tamanho das roças. Se forem grandes é porque existem muitas bocas para alimentar", revela.

Com base nas análises feitas visualmente a apenas um desses grupos pode se calcular que ele é formado por cerca de 300 pessoas, entre adultos e crianças.

O terceiro grupo, intitulado Masko, está estimado em 250 pessoas. Pelo menos é a conclusão da

equipe da Funai após a aparição dos mesmos, no dia 25 de novembro do ano passado, na base da Funai no rio Envira.

"Cerca de 100 índios nus e munidos de arco e flecha se posicionaram do outro lado do rio, em frente à base. A equipe abandonou o posto por alguns dias. Quando voltamos, poudemos verificar o acampamento deles e calcular a quantidade de integrantes do grupo. Eles reviraram todas as nossas coisas, deixaram flechas, mas não mexeram em nada, inclusive facas foram deixadas, mais uma prova de que são isolados", conta.

Foi com base na flecha abandonada que o sertanista chegou à denominação dos mesmos. Segundo os Jaminawas, hoje civilizados, a arma pertence ao grupo historicamente adversário deles, os Maskos.

"Rasgo meu diploma"

Revoltado com as afirmações de que os índios do Novo Recreio - localidade do Parque Nacional da Serra do Divisor - são uma fraude e não há descendência direta entre eles e o povo Naua, que se acreditava estar extinto há mais de 40 anos na região, o diretor da Funai no Acre, Antônio Pereira Neto, lançou um desafio à sociedade. Segundo ele, rasgará o diploma no dia em um antropólogo não reconhecer aquele povo.

"Para se identificar um povo não partimos do visual. Levamos em consideração como eles se reconhecem. Agora, o que não dá para aceitar é as pessoas quererem ver pureza racial, se os brancos, escravagistas de índios, durante anos lutaram para exterminá-los", desabafa.

Segundo Antônio, quando a Funai chegou à região, em 1977, os próprios índios não queriam ser reconhecidos. Foi necessário muita luta para essa realidade mudar.

"A gente lutava para que os apurinãs aceitassem ser considerados índios. Eles diziam que não porque tinham medo. Agora eles já assumem o que são", revela.

O diretor acredita na existência dos índios não apenas nas afirmações das famílias residentes no Novo Recreio. De posse de documentos datados de 1977, que consistem em levantamentos antropológicos feitos pela doutora em antropologia Delvair Montanhe Mellati, Antônio comprova a teoria.

Nos documentos, a antropóloga apresenta várias famílias, algumas mestiças outras puras.

Entre as pessoas que hoje pedem reconhecimento, muitos, como o cacique Railson, aparecem nos documentos da antropóloga. Na época do levantamento, ele tinha apenas dois anos. Filho de Milton Peba - índios puro - e Francisca - uma branca - o índio tem a sorte de apresentar biótipo indígena.

"Se a Funai os reconheceu em 77 porque não os reconhecer agora. Só estamos pagando uma dívida que temos com eles, que é a de não termos dado assistência na época em que os descobrimos", desabafa.

O diretor explica que todos os índios da região são Nauas, independente da denominação que recebam, Kampa, Arara, Jaminawa ou Nukuni.

Segundo Antônio, não adianta mais entidades governamentais e não governamentais lutarem contra o fato de existirem índios na região, que por conta da novidade terá que ser novamente demarcada. Já está definido, no primeiro semestre de 2001, a Funai fará a demarcação. Para isso, os recursos, oriundos do PPG-7, já se encontram disponíveis.

Busca por reconhecimento é intensa na Funai no Estado

Antônio acredita que outros grupos devam surgir em busca de reconhecimento, já que hoje não existe mais tanto preconceito quanto ao fato de ser descendente de um povo indígena, como existiu no passado.

Para se ter uma idéia, esta semana foram analisados pela Funai no Acre sete casos de pedido de reconhecimento. Apenas cinco foram considerados legítimos, os outros dois eram de pessoas que queriam se aproveitar dos direitos constitucionais adquiridos pelos povos indígenas.

"Só pela conversa sabemos distinguir quando é uma farsa ou não", explica.

Comprovando as afirmações, o diretor conta um caso recente, onde 45 pessoas buscavam o reconhecimento se dizendo índios apurinãs. O grupo, residente no quilometro 117 da BR 317, na colocação Bom Futuro, teve um estudo detalhado da história de vida que levou ao não reconhecimento dos mesmos.

Copyright © 2001 Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. - Todos os direitos reservados.

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	<i>pagina2000om.br</i>
Data	<i>8/11/2000</i> Pg
Class.	<i>30</i>